



A Vestimenta Nova do Imperador *Kejserens nye Klæder* (1837)

Há muitos anos, vivia um imperador que gostava tanto de vestimentas novas e bonitas, que gastou todo o seu dinheiro a vestir-se bem. Não se preocupava com os seus soldados nem com comédias ou em passear de carruagem pelo bosque, apenas queria exhibir as suas vestimentas novas. Tinha uma casaca para cada hora do dia, e tal como se costuma dizer que um rei está em conselho, neste caso dizia-se: – O imperador está no guarda-roupa.

Na grande cidade onde vivia, o tempo decorria muito agradável. Estavam sempre a chegar forasteiros. Mas um dia vieram dois aldrabões. Disseram-se tecelões e afirmaram que sabiam tecer a mais bonita fazenda que se podia imaginar. Não só as cores e o padrão eram invulgarmente bonitos, mas também as vestimentas feitas com essa fazenda. Tinham a maravilhosa propriedade de ficar invisíveis para qualquer pessoa que não fosse boa no seu ofício ou então inadmissivelmente estúpida.

«Seria uma vestimenta bem bonita para vestir», pensou o imperador. «Podia depois vir a saber que pessoas no meu império não prestam no ofício que têm. Podia distinguir os espertos dos estúpidos! Sim, a fazenda tem de ser tecida imediatamente para mim!» E pôs nas mãos dos dois aldrabões muito dinheiro para que começassem o trabalho.

Montaram dois teares, como se trabalhassem, mas não tinham a mínima coisa para tecer. Sem hesitação, pediram a seda mais fina e o ouro mais bonito. Meteram-nos nos seus sacos e trabalharam com os teares vazios, até ao meio da noite.

«Gostava agora de saber o que se passa com a fazenda!», pensou o imperador, mas, no fundo, estava bastante embaraçado, por saber que todo aquele que fosse estúpido ou que não prestasse no ofício não conseguiria vê-la. Acreditava que não precisava de recear por si próprio. Em todo o caso, mandaria alguém, em primeiro lugar, para ver o que se passava. Todas as pessoas da cidade sabiam que poder maravilhoso tinha o tecido e todos estavam desejosos de ver até que ponto o vizinho não valia nada ou era estúpido.

«Vou mandar o meu velho e honrado ministro aos tecelões», pensou o imperador. «Pode ver melhor como se apresenta o tecido, pois é inteligente e ninguém é melhor do que ele no seu trabalho.»

O velho e honrado ministro dirigiu-se então à sala onde os dois aldrabões estavam sentados a trabalhar com os teares vazios. «Deus nos valha!», pensou o velho ministro, arregalando os olhos. «Não consigo ver nada!» Mas nada disse.

Os aldrabões pediram-lhe para ter a gentileza de se aproximar e perguntaram-lhe se não era bonito o padrão e lindas as cores. Apontaram para os teares vazios e o pobre velho ministro escancarou os olhos, mas não conseguia ver nada, pois nada havia para ver. «Meu Deus!», pensou ele. «Serei estúpido? Nunca tinha pensado nisso. Mas ninguém deve sabê-lo. Não presto para o meu trabalho? Não, não pode ser, não vou dizer que não consigo ver o tecido.»

– Então V. Ex.^a não diz nada? – perguntou aquele que estava a tecer.

– Oh! É lindo! Primoroso! – respondeu o velho ministro, olhando através dos óculos. – Este padrão e estas cores! Sim, vou dizer ao imperador que me agrada extraordinariamente!

– Oh! Muito nos alegra sabê-lo! – disseram os tecelões, que indicaram depois os nomes das cores e descreveram o padrão especial. O velho ministro ouviu tudo muito bem, para poder repeti-lo ao imperador, quando regressasse. E assim o fez.

Então os aldrabões pediram mais dinheiro, mais seda e ouro, que seriam precisos para a feitura do tecido. Meteram tudo nos seus sacos. Para os teares, nem um fio! Mas continuaram, como antes, a tecer no tear vazio.

O imperador enviou, novamente, um outro honrado funcionário para ver como estava o tecido e saber se estaria pronto em breve. Passou-se o mesmo que se tinha passado com o velho e honrado ministro. Olhou e voltou a olhar, mas como não havia outra coisa além dos teares vazios, nada conseguiu ver.

– Não é verdade que é uma bela peça? – perguntaram os aldrabões, exibindo-a e dando esclarecimentos sobre o belo padrão que, evidentemente, não existia.

«Estúpido não sou!», pensou o homem. «Será que não presto para o meu trabalho? Havia de ser bonito! Mas não vou dar o prazer a alguém de o notar.» E assim louvou o tecido, que não via, e assegurou-lhes como gostava de ver as lindas cores e o bonito padrão.

– Sim, é primoroso! – disse ele ao imperador.

Todas as pessoas da cidade falavam do lindo tecido.

Então o imperador quis, ele próprio, ver o que fora feito nos teares. Com uma destacada comitiva, que incluía os velhos e honrados funcionários que antes já lá haviam estado, dirigiu-se para os dois astutos aldrabões, que agora teciam com todas as forças, mas sem fio nem fibra.

– Não é *magnifique?* – perguntaram ambos os honrados funcionários. – Queira Vossa Majestade ver que padrão, que cores! – E apontaram para os teares vazios, pois acreditavam que os outros podiam certamente ver a fazenda.

«Que é isto?», pensou o imperador. «Não vejo nada! Oh, é terrível! Sou estúpido? Não presto para ser imperador? Era a coisa mais horrível que me podia acontecer!»

– Oh! É muito bonito! – exclamou. – Tem a minha suprema aprovação! – E acenou com a cabeça, satisfeito, observando os teares vazios. Não queria dizer que não conseguia ver nada. Toda a comitiva que viera com ele olhou e tornou a olhar, mas não encontrou mais do que todos os outros. Tal como o imperador, também afirmaram:

– Oh! É muito bonito! – E aconselharam-no a vestir esta nova e bonita vestimenta, pela primeira vez, na grande procissão que iria realizar-se.

– É *magnifique!* Lindo! Excelente! – andava de boca em boca e todos se sentiam intimamente contentes com isso. O imperador deu a cada um dos aldrabões uma cruz de cavaleiro para pendurar na botoeira e o título de cavaleiro de tear.

Toda a noite, antes da manhã em que a procissão se realizaria, estiveram os aldrabões de pé, com mais de dezasseis velas acesas. Toda a gente podia ver que estavam ocupados a acabar a nova vestimenta. Fingiram que tiravam a fazenda do tear, a cortavam no ar com grandes tesouras, a cosiam com agulha e linha e, por fim, disseram:

– Vede, agora a vestimenta do imperador está pronta!

O imperador, com os seus cavaleiros mais distintos, foi ao encontro dos aldrabões, que levantavam um braço no ar, como se segurassem alguma coisa. E disseram:

– Aqui estão as calças! Eis a casaca! Aqui o manto! – E assim por diante. – É tão leve como teia de aranha! Parece que não se tem nada vestido sobre o corpo, mas é precisamente essa a sua virtude!

– Pois claro! – afirmaram todos os cavaleiros, mas não conseguiram ver coisa alguma, pois nada havia para ver.

– Se agora Vossa Majestade Imperial tivesse a bondade de comprazer-se em tirar as roupas – disseram os aldrabões –, vestir-lhe-íamos a nova vestimenta, aqui, diante do grande espelho.

O imperador despiu todas as roupas e os aldrabões agiram como se lhe entregassem peça por peça da nova vestimenta, supostamente acabada. Pegaram-lhe pela cintura e fingiram acertar algo que estava puxado, e o imperador virava-se e voltava-se diante do espelho.

– Deus! Como vestem bem! Como assentam lindamente! – disseram todos em coro. – Que padrão! Que cores! É um traje precioso!

– Lá fora estão já com o pálio sob o qual irá Vossa Majestade na procissão – disse o mestre-de-cerimónias principal.

– Está bem, já estou pronto – respondeu o imperador. – Não assenta bem? – Virou-se ainda uma vez mais diante do espelho, pois devia parecer como se estivesse a admirar verdadeiramente a sua elegância.

Os funcionários da corte, que tinham de segurar na cauda, tactearam com as mãos o chão, como se a levantassem. Saíram segurando-a no ar, não deviam deixar transparecer que nada conseguiam ver.

E assim seguiu o imperador em procissão sob o pálio e todas as pessoas na rua, e nas janelas, diziam:

– Meu Deus! Como é impecável a nova vestimenta do imperador! Que bela cauda tem na casaca! Como assenta tão bem! – Ninguém queria que notassem que não a viam, pois deste modo era considerado mau no trabalho ou muito estúpido. Nenhuma outra vestimenta do imperador produzira tanta felicidade!

– Mas não leva nada vestido! – disse uma criancinha.

– Louvado seja Deus! Ouçam a voz da inocência! – retorquiu o pai. E cada um segredou ao outro o que afirmara a criança.

– Não leva nada vestido! – gritou por fim todo o povo. Isto impressionou o imperador, pois parecia-lhe que o povo tinha razão. Mas pensou: «Agora tenho de continuar com a procissão.» E assim continuou, ainda mais orgulhoso, e os funcionários da corte atrás, segurando na cauda que não existia.